

A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO INDÍGENA SALESIANA NO BRASIL: ENCONTROS E CONFRONTOS PARA A SOBREVIVÊNCIA DOS BORORO NA REGIÃO DOS TACHOS

MARIA AUGUSTA DE CASTILHO *

*«Com o suor e o sangue de teus filhos, estes frutos
haverão de amadurecer para serem ofertados
novamente ao Senhor da vinha».*
(Guia de Dom Bosco, Sonho de 1883)

Introdução

O presente estudo tem como propósito analisar as ações dos salesianos junto aos índios bororo, uma vez que Dom Bosco desejava ardentemente investir na América Latina, convertendo os povos indígenas. O trabalho teve como vertente principal o método dedutivo com cortes transversais, em seqüência sintética de reconstrução histórica, objetivando demonstrar a linha metodológica educacional que os salesianos adotaram para oferecer aos índios a luz do Evangelho e tirá-los do estado de barbárie que se encontravam. A pesquisa foi baseada em fontes primárias (algumas inéditas e manuscritas) e fontes secundárias impressas, tais como: ofícios, atas, crônicas, fotos de época, boletins, jornais, revistas, livros escritos por salesianos (que viveram na missão ou que dela obtiveram informações), historiadores e antropólogos. Os documentos encontram-se na Missão Salesiana de Mato Grosso, em Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul, catalogados no Arquivo Insuperior e no Centro de Documentação Indígena, numa demonstração de organização e preservação de acervo documental histórico, bem peculiar da Congregação Salesiana. O período abordado (1894-1912) dimensiona aspectos fundamentais da vivência dos salesianos e FMA (Filhas de Maria Auxiliadora), na colônia, com ênfase na proposta salesiana para as missões indígenas: escolas profissionalizantes, internatos, atividades agropecuárias, horticulturas e, principalmente, a catequese, dentre outras. O estudo divide-se em cinco itens: o primeiro assinala a expansão salesiana na América Latina, destacando a figura de Dom Luís Lasagna, fundador da obra no Brasil; o segundo aborda a experiência dos missionários salesianos na colônia Teresa

* Brasileira Professora de História e Metodologia Científica da Universidade Católica Dom Bosco - MSMT - Campo Grande/MS/Brasil.

Cristina; o terceiro dimensiona os índios bororo, a fundação da Colônia dos Tachos e a educação ministrada pelos salesianos e FMA na missão; o quarto explica a política indigenista da época; o quinto analisa as relações entre os índios e os missionários, confrontando as duas culturas.

Parafrazeando Rousseau, é possível assegurar que, quando se quer estudar os homens, é necessário olhar bem de perto; mas para estudar o homem é preciso aprender a levar longe o olhar; é necessário antes de mais nada *observar as diferenças para descobrir as propriedades*. Por isso, para se entender a ação missionária salesiana junto aos índios, deve-se ter em mente que esses salesianos receberam educação esmerada na Europa, tendo sempre, como pano de fundo, o Sistema Preventivo de Dom Bosco, que deviam tecer os fios lentamente, objetivando a promoção da juventude e a salvação da alma. Dentro dessa concepção, só podia haver um fim para a educação e para a pastoral: «a glória de Deus e a salvação das almas».¹ Assim, a educação salesiana tinha na religião seu elemento fundamental, que ao lado da catequese ensinavam aos índios: a educação moral, científica e cívica, mas sempre com alegria, estudo e amor ao trabalho. O Sistema Preventivo de Dom Bosco não era repressivo, mas essencialmente humanístico contendo os seguintes valores: razão, religião, amorevolezza (amor, afeto, coração) e inculturação. Baseado no Sistema Preventivo, nas Constituições e Regulamentos próprios da Sociedade de São Francisco de Sales, os missionários iniciaram na América do Sul, seu apostolado principal – *catequizar os índios selvagens*.

1. Dom Luiz Lasagna: o fundador da obra salesiana no Brasil

A evangelização no mundo, no século XIX, passou por transformações significativas, decorrentes da revolução industrial (séculos XVIII e XIX); expansão colonial da Ásia, África e América, uma vez que a Igreja desejava levar a fé católica aos novos povos colonizados, necessitando, para tanto, de padres que se dispusessem a sair do ambiente europeu e enfrentar *um novo mundo*. À Santa Sé cabia comandar tal expansão evangelizadora. No Brasil, a Igreja estava atrelada ao Estado, através do padroado.² Este trouxe uma série de implicações de ordem financeira, uma vez que os reis de Portugal interpretaram a bula Inter Coetera como dando-lhes o direito de arrecadar o dízimo e administrá-lo, o que causou confusão dos dízimos com a renda do Estado, pois havia a redízima, que era insuficiente para o sustento dos sacerdotes que procuravam outras fontes de rendimento. Com a proclamação da República, extinguiu-se o padroado e iniciou-se

¹ Cf Tarcísio SCARAMUSSA, *O Sistema Preventivo de Dom Bosco: um estilo de educação*. São Paulo, Dom Bosco 1979, p. 73.

² As relações diretas com Roma, mesmo da parte dos bispos, dependiam do beneplácito real. Assim, compreende - se porque, durante séculos, nenhum Núncio ou Emissário pontifício pisou em terras brasileiras.

uma reestruturação do aparelho eclesiástico, concomitante ao passado de romanização³ e clerização do catolicismo brasileiro.

Ao assumir, portanto, a evangelização da América, a Cúria Romana passou a orientar diretamente a ação missionária no Brasil e solicitou a colaboração das ordens religiosas, dentre elas, a Congregação Salesiana. Dom Bosco estudou as possibilidades, mas como era de seu feitio, fez com cautela. Entre 1871-1872, o fundador da Congregação Salesiana sonhou⁴ com uma região selvagem, plana, inculta, na qual não se viam colinas nem montes, mas homens nus de estatura extraordinária e aspecto feroz. Em seu sonho, os homens tinham cabelos longos, uma cor bronzeada, vestidos com peles de animais, usando lanças de carnes sanguinolentas. Lutavam com os europeus, espalhando cadáveres por todos os lados. No panorama, viu um grupo de salesianos, mas os bárbaros não os atacaram, muito pelo contrário: depuseram as armas e os salesianos os instruíram, recitaram o rosário e um dos missionários entoou um louvor a Maria. Desse momento em diante, Dom Bosco procurou saber mais sobre a região missionária da América do Sul e descobriu que a região da Patagônia, na Argentina, era o lugar do seu sonho. Então, atendeu não só o pedido do papa Pio IX, como também o pedido do arcebispo de Buenos Aires e, em 14 de novembro de 1875, enviou a primeira expedição de salesianos, partindo de Gênova, no vapor Savoie, com parada na cidade do Rio de Janeiro, para visitar o bispo Dom Lacerda. O chefe da expedição foi João Cagliero, sacerdote de 37 anos, laureado em teologia, ótimo maestro e compositor. Fazia parte da comitiva: os padres José Fagnano, Valentim Cassini, J.B. Baccino, Domingos Tomatis e Tiago Allavena, quatro coadjutores e o cônsul da Argentina, em Gênova, o comendador Gazzolo. Dom Bosco recomendou primeiramente atender aos italianos emigrados e, depois, iniciar a evangelização na Patagônia.

A partir de então, a obra salesiana foi implantada na Patagônia e demais regiões do país. Ao padre Cagliero, foi designada a incumbência de assumir o colégio de Villa Colón, no Uruguai. Da Itália chegou a Montevideu, em 26 de dezembro de 1876, a segunda expedição missionária salesiana sob o comando do padre Luiz Francisco Pedro Lasagna, designado diretor do colégio Pio IX de Villa Colón, que abriu novas frentes de trabalho salesiano, sempre com espírito missionário. Em 1881, o padre Lasagna retornou à Itália, ocasião que sugeriu a criação de uma inspetoria no Uruguai. O Conselho Superior da Congregação

«julguo necessário separar do grupo de casas da Argentina as do Uruguai, criando a Inspetoria para a república do Uruguai».⁵

³ Romanização porque a ação reformadora no Brasil estava centrada no modelo romano.

⁴ Cf Terésio BOSCO, *Dom Bosco: uma biografia nova*. São Paulo, Salesiana Dom Bosco 1983, pp. 406-408.

⁵ Cf Gino FÁVARO - José CORAZZA, *Lasagna - o bispo missionário*. Campo Grande, MSMT 1995, p. 16.

Foi nomeado para o cargo o padre Luiz Lasagna, a quem Dom Bosco recomendou atender aos pedidos do bispo do Rio de Janeiro, Dom Pedro Maria de Lacerda, para se instalar no Brasil.⁶ O padre Lasagna embarcou para o Rio de Janeiro anos mais tarde (maio de 1882). Nessa época, o Brasil passou por mudanças radicais como a Guerra do Paraguai (1864-1870), a Lei do Ventre Livre (1871), a campanha abolicionista, a febre amarela, a qual deixou muitas crianças órfãs, sem terem quem delas cuidasse. Em tal cenário, Dom Lacerda recebeu o padre Luiz, que se comoveu com a situação,

«afirmando ao bom prelado que não estava longe o dia em que voltaria trazendo consigo os salesianos».⁷

Em 1883, chegaram ao Rio de Janeiro os salesianos acompanhados pelo padre Lasagna e fundaram, em Niterói, o Colégio Santa Rosa, primeira casa salesiana no Brasil, seguida, em 1885, pelo Liceu Sagrado Coração de Jesus, em São Paulo; o Colégio São Joaquim, em Lorena (1890); e Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, em Campinas (1892), na época, denominado Lyceu de Artes e Offícios.

Em 31 de janeiro de 1888, Dom Bosco morreu deixando como seu primeiro sucessor o padre Miguel Rua, a quem o padre Lasagna escreveu, prometendo obediência e respeito, da mesma forma que sempre tivera para com o fundador e pai da congregação.

Sagrado bispo em Roma, pelo Papa Leão XIII, em 17 de março de 1893, na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Dom Lasagna adota como lema as palavras – *Sal Agnis* (sal para as ovelhas). Foi preconizado bispo titular de Oea, na província de Trípoli, bispo dos índios do Brasil e superior das missões salesianas do Uruguai, Paraguai e Brasil. Além de suas responsabilidades inerentes ao cargo, o novo bispo se comprometeu em conservar a fé entre os emigrados, a regenerar as tribos selvagens, que viviam numerosas às margens dos rios americanos; a ajudar a Igreja do Paraguai, na solução de seus problemas, em particular, na nomeação de um bispo, para Assunção.

Por outro lado, o bispo de Cuiabá – Dom Carlos D’Amour, há mais de doze anos, vinha solicitando a vinda de salesianos, uma vez que a escassez de sacerdotes na região era total. Dom Carlos estivera pessoalmente em Roma (junho de 1891) fazendo o pedido diretamente a Dom Rua, o qual lhe prometeu enviar salesianos para a região. Por solicitação de Dom Carlos, o presidente do Estado de Mato Grosso aprovou a quantia de oito mil contos de réis, para despesas de viagens e os primeiros estabelecimentos dos salesianos na região.⁸

⁶ Em 1877, Dom Bosco recebera a visita de Dom Lacerda, solicitando insistentemente a vinda de salesianos para o Brasil.

⁷ Cf Francisco X. LANNA, *A vida de Dom Luiz Lasagna*. Vol. 1, Niterói, Escola Industrial Dom Bosco 1944, p. 76.

⁸ Cf Ofício nº 63 de 19 de dezembro de 1892 do presidente do Estado do Mato Grosso. ARQUIVO INSPETORIAL DA MSMT, Pasta-Missão Teresa Cristina, envelope 5 (Folha avulsa).

Em 1894, Dom Lasagna organizou a primeira expedição missionária para Mato Grosso.⁹ Saiu de Montevidéu no vapor Las Mercedes, com seu secretário, o padre João Bálzola, pois os demais missionários deveriam alcançá-los em Assunção. Em 9 de maio de 1894, em Buenos Aires, iniciaram a viagem pelo rio da Prata, alcançando o Rio Paraná, aportando em Assunção, no dia 17 de maio, onde faz os primeiros contatos com o presidente da República. Trataram de três assuntos importantes: a nomeação do bispo,¹⁰ a abertura de uma escola de artes e ofícios e as missões entre índios. No dia 6 de junho, a expedição composta pelos padres Antônio Malan, José Solari e Artur Castells, pelo clérigo Agostinho Coli, o coadjutor João Batista Ruffier, também o padre Bálzola e Dom Lasagna embarcaram no vapor Diamantino, rumo a Cuiabá, passando por Corumbá,¹¹ onde foram transferidos para um navio menor – o Coxipó. Após deixar a margem esquerda do rio Paraguai, o vapor entrou no rio São Lourenço, para navegar no Cuiabá até Santo Antônio,¹² onde a embarcação encalhou e a viagem prosseguiu numa chata, para, finalmente no dia 18 de junho, às 11 horas e 30 minutos, aportar na capital¹³ e receber os cumprimentos do bispo diocesano, do presidente do estado, de autoridades e da população em geral, a qual seguiu a risca a portaria episcopal baixada em outubro de 1893, convocando a população a dar boas-vindas e acolher bem os salesianos. Estes iniciaram sua evangelização em Cuiabá, com o oratório festivo, as novas oficinas em São Gonçalo, e a possibilidade dos missionários assumirem a colônia indígena Teresa Cristina, que se encontrava em decadência. O fato foi concretizado meses depois após a volta de Dom Luiz Lasagna para Montevidéu.

2. A Colônia Teresa Cristina

Pelo decreto nº 610, o presidente do Estado de Mato Grosso, Manoel José Murtinho, em 19 de abril de 1895, entregou a Colônia Teresa Cristina aos sale-

⁹ Cf Antonio DA SILVA FERREIRA, *Cronistoria o diario di Monsignor Luigi Lasagna 3-1893 – II-1895*. (Piccola Biblioteca dell'ISS 10). Roma, LAS, pp. 1-160.

¹⁰ Dom Lasagna, em janeiro de 1895, sagrou o padre Juan Bogarin bispo de Assunção, resolvendo, dessa forma, a crise entre o Santa Sé e o presidente do Paraguai.

¹¹ Em Corumbá, Dom Lasagna notou que a cidade, com menos de 5.000 habitantes, possuía apenas um sacerdote e uma só igreja. O vigário Constantino Tárccio sentiu-se desanimado, num território de mais de cem léguas entre estrangeiros e gananciosos. Somente uma escola para meninos e meninas poderia mudar o aspecto da cidadezinha. Terminou a observação questionando: poderemos nós um dia contribuir para esta obra de evangelização? Dom Luiz Lasagna morreu sem saber, mas em 15.03.1899, os salesianos chegaram a Corumbá e começaram a dar aulas. Em 1902, iniciou-se a construção do Colégio Santa Teresa.

¹² Ao entardecer do dia 16, um passageiro entregou um envelope a Dom Luiz Lasagna. Nele havia uma oferta dos passageiros, num total de mil réis, ou seja, 269 liras, demonstrando o desejo de auxiliar os missionários salesianos e sua obra evangelizadora.

¹³ Cf João B. DUROURE, *Missão Salesiana em Mato Grosso* in «Diário da Serra», 19 de junho de 1975, p. 4.

sianos, com o objetivo de catequizar os índios. Para diretor, foi nomeado o padre João Bálzola, para vice, o padre José Solari e os coadjutores Manuel Fonseca e Ângelo Sordi; o noviço Tiago Grosso como auxiliar, além das FMA (que chegaram em Cuiabá em 10 de abril de 1895, com a segunda expedição salesiana): Frederica Hummel, diretora; Madalena Tramonti e Margarida Micheletto, auxiliares.

Antes mesmo dos salesianos iniciarem seus trabalhos, Dom Lasagna escreveu em São Paulo, espalhando em todo o país, uma circular pedindo auxílio para as missões, onde os salesianos e FMA precisariam superar todos os obstáculos e dificuldades junto aos índios da referida colônia. A colônia era composta por índios bororo há mais de nove anos, cujo reduto se devia ao presidente da província de Mato Grosso, Joaquim Galdino Pimenta. Este era contra o extermínio dos índios, por isso, adotou o mesmo método do seu antecessor¹⁴ e decidiu:

«[...] cuidar logo da catequese dos indomáveis coroados, como um meio eficaz não só para auxiliar na lavoura, mas também para trazer o índio à civilização [...]».¹⁵

Enviou o alferes Antônio José Duarte com instruções e ordens para tentar a catequese da tribo coroados aldeada às margens do rio São Lourenço. A força armada era composta de quarenta e dois praças do 21º Batalhão de Infantaria, e conduzindo sete índias já civilizadas desde 1881, dentre as quais Rosa Bororo, cujos filhos ficaram como reféns em Cuiabá, objetivando usá-los para persuadir seus parentes da aldeia a aceitar a submissão. Foi exatamente o que ocorreu. O próprio José Duarte foi nomeado comandante da colônia militar Teresa Cristina, com o apelido *deus dos coroados*, dado pelos cuiabanos, uma vez que ele dava aos índios tudo que pediam, para assim poder amansá-los. Em 1888, Von den Steinen visitou a colônia e documentou a forma de como os bororo estavam sendo civilizados:

«[...] índios e soldados viviam em inteira promiscuidade, num ambiente de conflitos, cachaçadas e luxúria, de que os próprios oficiais participavam. Aos índios se pagavam com aguardente os serviços que prestavam, e às índias com roupas e adornos vistosos os favores [...]».¹⁶

Tornava-se, portanto, necessário moralizar os costumes que vigoravam nas relações entre brancos e índios que residiam na colônia, sendo a melhor opção entregá-la aos salesianos. Como se pode notar, a tarefa a ser enfrentada era árdua,

¹⁴ O General Couto Magalhães, que já tinha exercido a presidência das províncias do Maranhão, Pará, Mato Grosso e Goiás, propôs um método para amansar os índios: ensinar-lhes a língua nacional por meio de intérpretes. Apontava como vantagens: a conquista de duas terças partes do território brasileiro, a aquisição de um milhão de braços para trabalhar e assegurar as comunicações para a Bacia do Prata e do Amazonas.

¹⁵ Cf João Augusto CALDAS, *Memória histórica sobre os indígenas da província de Mato Grosso*. Rio de Janeiro, Typografia Polytechnica de Moraes e Filhos 1887, pp. 20-22.

¹⁶ Cf Karl von den STEINEN apud Darcy RIBEIRO, *Os índios e a civilização*. Petrópolis, Vozes 1977, pp. 76-78.

pois alguns vícios já tinham se difundido na colônia: o álcool, a prostituição, a ociosidade, a falta de higiene (tapira),¹⁷ além do mais, os índios não gostavam de frequentar as aulas, em que os professores faziam uso constante da palmatória. A situação era agravada pela ausência constante do diretor da catequese.

Neste ambiente de caos, em 5 de junho de 1895, os salesianos e FMA ingressaram na colônia, sendo recebidos por trezentos bororo, vinte e cinco soldados¹⁸ e dezenove civis. Dom Lasagna, em novembro de 1895, viaja para Minas Gerais para iniciar a obra salesiana, mas ao partir de Juiz de Fora, em um vagão especial cedido pelo Ministério da Agricultura, o trem em que viajava se choca com outro, tirando a vida não só dele, mas também de seu secretário, o padre Villamil e de quatro irmãos FMA. O acontecimento repercutiu na imprensa nacional, lastimando a perda do fundador da obra salesiana no Brasil, com apenas quarenta e cinco anos de idade.

A vida na Colônia Teresa Cristina continuou e, de 22 a 26 de março de 1898, o padre Malan batizou doze meninas e seis meninos da tribo bororo.

Gradativamente, os padres foram entrando em contato com a sociedade bororo, aprendendo sua língua, seus costumes. Alguns deles, para os salesianos, deviam ser extirpados: a atuação do *Bari* - o xamã bororo, que tinha como uma de suas preocupações apressar a morte de um doente considerado incurável, fato censurado pelos padres. Deve ter sido muito difícil para padres e freiras, vindos para o Brasil, com uma educação européia, fazer com que os índios acreditassem na palavra de Deus.

Na colônia, os salesianos eram orientados pelo chefe maior da congregação, padre Miguel Rua, através de cartas¹⁹ enviadas ao padre João Bálzola. Dentre estas orientações, merecem destaque: os índios deviam abandonar a vida nômade e se fixar na missão, tornando - se cristãos e civilizados; deviam ainda trabalhar com os missionários (uma vez que este devia dar o exemplo), no pastoreio, na agricultura, horticultura e também na iniciação de ofícios, tais como: carpinteiro, ferreiro, carreteiro, construtor, fabricante de tijolos, enfim, todas as profissões úteis à civilização. Aos padres cabiam cuidar da saúde, da higiene e nudez dos selvagens, impedindo a imoralidade entre eles, persuadindo-os a casar. O casamento devia ser cristão, ocasião em que o casal receberia um pedaço de terra para

¹⁷ Tapira é a distribuição de carne de vaca. Os pedaços de carne e os ossos são amontoados sobre um couro diante da casa. Os índios, homens, mulheres e meninos, munidos de cestas, ficam ao lado, à espera. A um sinal dado, todo o bando precipita sobre a carne e os ossos, como uma alcatéia. Ao bari era dada a tarefa de evitar a discórdia na repartição das presas, embora esse tipo de problema, em verdade, era resolvido rapidamente, uma vez que ele ficava com os melhores pedaços. Deve-se ressaltar que a distribuição da carne de vaca não estava dentro do contexto ritualístico bororo e, talvez por isso, os índios não dominavam tais aspectos higiênicos.

¹⁸ Cf César ALBISETTI - Ângelo Jayme VENTURELLI, *Enciclopédia Bororo*, Vol. 1. São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas 1962, p. 219.

¹⁹ Antônio DA SILVA FERREIRA, *La missione fra gli indigeni del Mato Grosso. Lettere di don Michele Rua 1892-1909*. (= Piccola Biblioteca dell'ISS, 14). Roma, LAS, pp. 1-130.

cultivar e construir uma choupana. Os mortos deviam ter um enterro cristão e serem sepultados em um cemitério e, se possível, com um muro e um cruzeiro no centro. Ao padre Bálzola, cabia registrar com autenticidade os sacramentos e outras atividades importantes da colônia. Sem dúvida alguma, esses registros permitiram reconstruir a história dos salesianos nas missões. Nota-se a forte preocupação do padre Rua, embora de longe, em orientar os missionários, estimulando-os a transformar o gentio num bom cristão e integrá-lo à sociedade. Com essa mentalidade, peculiar da época, os missionários proibiram, no início, alguns costumes indígenas: o infanticídio, o bacururu, dentre outros.

Em abril de 1898, o padre Bálzola viajou para a Itália com três índios bororo, para participar da Exposição de Arte Sacra em Turim. Para isso, havia solicitado aos índios que preparassem vários artefatos. Permaneceu na Itália cinco meses, ocasião em que aproveitou não só para visitar seus familiares, como também para recrutar novos missionários e angariar fundos para as missões. Os índios foram batizados em Turim e realizaram algumas peripécias nos locais visitados. Então, o padre Bálzola aproveitou desses fatos para demonstrar como era difícil civilizar aquela tribo. Retornou ao Brasil em outubro de 1898, com os três índios e alguns clérigos, dentre eles: Antônio Colbacchini, Sidrac Vallarino e três FMA, as irmãs Dária Ubaldi, Júlia Massolo e Margarida Locatelli. Aportou no Rio de Janeiro em 13 de novembro de 1898, quando recebeu a notícia de que o atual presidente do Estado de Mato Grosso, Antônio Correia da Costa, decidiu dispensar os serviços dos salesianos, porque os índios haviam se retirado para a floresta, por tempo indeterminado, e a colônia estava despovoada. Na verdade, o padre Bálzola foi substituído, durante sua ausência, pelo padre Ângelo Cavatorta,²⁰ que não tinha nem a prudência, nem a experiência do padre João Bálzola e resolveu implementar seu próprio sistema, impondo diversas restrições aos índios, inclusive proibindo o bacururu. Os índios recusaram-se a obedecer, retirando-se para o mato, por tempo indeterminado. Em poucos dias, a colônia despovoou-se.²¹ Ao visitar o senador Generoso Ponce, no Rio de Janeiro, o padre Bálzola assim se expressou:

«não bastam três anos, precisam gerações para civilizar este povo. Quando chegamos, aí não havia nada, nem um pé de milho ou de cana ou de mandioca. Agora há tudo isso em abundância».²²

Em vinte e sete de novembro de 1898, os salesianos e FMA deixaram a Colônia Teresa Cristina e voltaram para Cuiabá.

²⁰ O padre Cavatorta, como diretor em Corumbá, também criou situações desagradáveis para os salesianos e foi removido para a Itália, sendo substituído pelo padre Artur Castells (26.05.1902), que logo lançou a pedra fundamental do Colégio Santa Teresa.

²¹ Cf Riolando AZZI, *As filhas de Maria Auxiliadora no Brasil: cem anos de história*. Vol. 1. São Paulo, Inspetorias do Instituto das FMA 1999, p. 241.

²² Cf Mário BORDIGNON, *Os bororo na história do centro-oeste brasileiro 1716-1986*. Campo Grande, MSMT 1987, p. 27.

Em maio de 1901, em Cuiabá, o enviado especial de Dom Miguel Rua, ao Brasil, padre Paulo Álbera, recebeu um grupo de treze índios bororo, que solicitou a volta dos salesianos para a Colônia Teresa Cristina. Mas os salesianos desejavam fundar uma colônia independente e, para tanto, já se organizavam para concretizar a abertura de um campo na região do Araguaia, reduto das tribos bororo.

3. A Colônia dos Tachos: primera missão Indígena do Brasil fundada pelos Salesianos

3.1 Os bororo

O termo bororo significa

«pátio da aldeia, pátio das danças, pátio interdito às mulheres e às crianças, praça, aldeia; ato de executar alguma representação».²³

Este termo foi usado pelos primeiros exploradores para identificar os membros da tribo. Outros apareceram, ao longo da história como: coxiponé, arariponé, araés, cuiabá, coroados, porrudos, bororo aravirá, bororo de campanha, bororo cabaçais, bororo ocidentais e bororo orientais. Os índios denominavam-se a si mesmos de *BOÉ*, que quer dizer *bororo*.

Os primeiros exploradores que entraram em contato com a tribo, ouvindo os cantos executados pelos índios, perceberam a repetição freqüente da palavra bororo que, às vezes, forçada pelo ritmo da música, era pronunciada bororó. Esse fato gerou o atual epônimo da tribo, cujos membros, até hoje, vêm denominados bororo ou, erroneamente, bororó. A língua bororo não pertence a nenhum dos quatro principais grupos lingüísticos do Brasil: Gê, Tupi, Aruak e Karib. A designação mais conhecida dos membros da tribo é *Orári Mogo-dóge*, que significa moradores das plagas do peixe pintado. A tribo foi dividida em dois grandes grupos: bororo ocidentais e bororo orientais. Os primeiros se subdividiam em: bororo de campanha, que habitavam à margem direita do rio Paraguai e Jaurú, mais para o lado da Bolívia, e os bororo do cabaçal habitavam bem mais ao sul. Quanto aos bororo ocidentais, subdividiam – se em vários grupos dentre os quais o grupo *orári mogo-dóge*, que habitava na bacia do rio São Lourenço. Mais tarde, esse grupo recebeu a denominação de *coroados*, descendentes dos antigos porrudos, os quais atravessaram o rio Cuiabá, habitando nas imediações da estrada, deixando o lugar dos seus primitivos aldeamentos. Estes bororo²⁴ atacavam passageiros militares, guardas da linha telegráfica, negociantes, fazendeiros e via-

²³ Cf C. ALBISETTI - Â. J. VENTURELLI, *Enciclopédia...*, p. 516.

²⁴ É imprescindível assinalar que neste estudo deixamos de abordar especificamente aspectos tribais dos bororo, tais como: língua, lendas, contos, religião, costumes, usos, cerimônias, etc, uma vez que existem obras especializadas sobre eles. O nosso enfoque é a educação salesiana na Missão dos Tachos.

jantes em geral. Havia um grande número de atrocidades e histórias sanguinárias,²⁵ que eram relatadas pelos moradores locais, numa demonstração de verdadeira guerra entre os índios e brancos. Os bororo tinham grande rivalidade com os índios caíamo (xavante). O bororo era dono secular da região, que em defesa da terra necessária à sua vida nômade atacava o gado invasor e o fazendeiro, o qual, em defesa de seu gado e de sua atividade agrícola, matava o índio.

Coube, pois, aos missionários salesianos, a difícil tarefa de reconciliar tais antagonismos por uma vivência pacífica, fraterna e respeito mútuo. Este foi o primeiro objetivo dos salesianos – *pacificação da região*.

No início de 1900, o governo aprovou uma verba de 20.000\$000 para tentar a catequese dos ferozes invasores, pois meses antes haviam recommençado os conflitos.²⁶ Foi designado chefe da expedição José Benedito Pedroso Gomes, da qual participou o padre Bálzola, com amplos poderes ministeriais ampliados pelo bispo Dom Carlos D'Amour. A viagem para o padre salesiano foi uma grande experiência, uma vez que, além de levar os sacramentos aos fiéis longínquos, pôde fazer contatos com os índios através de troca de presentes, despojando-se de tudo para agradá-los. Em momento algum, o padre Bálzola permitiu que se usassem armas de fogo contra os índios. Ao perceberem que o salesiano falava sua língua, os índios se aproximavam muito dele. Após quatro meses de viagem pela floresta e rios, a expedição, que fez um percurso de 2500 km (500 km a cavalo e 700 km sobre canoas), retornou a Cuiabá em 21 de setembro de 1900.²⁷

Com as informações recebidas do padre Bálzola, o inspetor padre Malan, organizou uma expedição, com o intuito de escolher um local adequado para a instalação de uma missão indígena. Faziam parte da expedição que saiu de Cuiabá em 28 de agosto de 1901, os padres Malan, Bálzola, o irmão Gabet, o inspetor da linha telegráfica, guia Pedro Fernandes, dois trabalhadores para o serviço diário da tropa e outros. Levaram, além dos cavalos de sela, três cargueiros, um altar portátil, uma barraca, objetos de piedade, etc. Visitaram vilarejos, fazendas, ranchos, sempre celebrando missas, batizados e casamentos. Passaram pelo rio Manso, serra da Chapada, Capim Branco, Lagoa Seca, Barreiro, rio das Garças e Araguaia. No Barreiro de Cima,²⁸ às margens do rio Barreiro, afluente do Garça e do Araguaia, em Mato Grosso, chegaram ao lugar denominado *Tachos*, local salubre, agradável, conveniente em todos os pontos de vista para fundar um centro colonial de catequese para os índios. Achou-se o conjunto de uma légua, quadra digna de particular atenção, no que diz respeito aos campos, córregos e matas. Após uma centena de metros da linha telegráfica, a comitiva

²⁵ Cf Helvécio OLIVEIRA, *Missões salesianas*. S.l., s.e. 1908, pp. 59-68.

²⁶ Os índios queimaram cabanas, mutilaram um cadáver, levando depois a cabeça, para espetá-la num pau, no meio de seus troféus. Atacam uma família e um homem foi morto. Dias depois, os índios reviram a sepultura e o cadáver ficou sem cabeça.

²⁷ Cf BS 1-6 (1902) 8-155.

²⁸ Cf BS 11-12 (1902) 272-307; BS 1-2 (1903) 9-39.

viu um sítio não alagado, com todos os requisitos necessários para se edificar uma colônia. Para o padre Malan, sua missão estava completa, pois já havia escolhido o local da futura sede de catequese indígena bororo.

3.2 A expedição fundadora

De volta a Cuiabá, o inspetor padre Malan decidiu reiniciar a atividade missionária na região dos Tachos, distante 460 km da capital de Mato Grosso, percurso a ser percorrido a pé ou em lombo de burros. Iniciou-se o recrutamento de padres e irmãs para a fundação da nova colônia.

A expedição fundadora, após as despedidas, partiu de Cuiabá em 18 de dezembro de 1901, com os seguintes componentes: padres João Bálzola (diretor) e José Salvetto, os coadjutores Sílvio Milanesi, Domingos Minguzzi e Tiago Grosso; os noviços José Sabino, Quirino da Silva e Pedro da Silva; as FMA irmãs Rosa Kiste (diretora), Madalena Tramonti, Luíza Michetti; as jovens auxiliares filhas de Maria, Joana Gervásia e Maria Timóteo, além de quatro empregados para cuidar dos trinta e cinco animais de sela e de carga.

Por causa das chuvas torrenciais específicas da época e constante fuga dos animais, a viagem de trinta dias foi longa e penosa. Às dezesseis horas do dia 18 de janeiro de 1902, chegaram ao local, beijaram a terra, ergueram «suas cinco tendas nas margens do córrego Tachos, afluente do rio Barreiro».²⁹ No dia seguinte, num altar improvisado, instalaram a estátua³⁰ do Sagrado Coração de Jesus, consagraram o local, celebraram a santa missa e rezaram a oração prescrita por Leão XIII, como forma de consagração ao dulcíssimo Coração de Jesus:

«Sim, o Senhor sede finalmente o rei de todos aqueles que vivem ainda nas superstições do gentilíssimo, e não recuseis tirá-los das trevas para a luz do reino de Deus [...]».³¹

Começaram a trabalhar construindo ranchos, abrindo estradas, regos, esgotando atoleiros, fazendo cercas, plantações, cuidando do gado vacum e cavalar, sendo acometidos de febres, feridas e chagas pouco agradáveis. No dia 8 de agosto de 1902, deu-se o primeiro encontro³² dos salesianos com cinco bororo. O

²⁹ Cf *Folha avulsa escrita à mão*. [s.a.] Campo Grande, MSMT, 1901 (Pasta / Documento / Tachos).

³⁰ Esta estátua encontra-se atualmente na capela da comunidade inspetorial em Campo Grande/MS, sede da MSMT. A mesma foi doada a Dom Lasagna pela família Turena, de Montevideu e o bispo a tinha em seu gabinete de trabalho, doando-a aos missionários quando realizaram a primeira expedição a Cuiabá. Anos depois, ao dar início às missões entre os bororo orientais, o padre Bálzola levou consigo a imagem. Cf Antônio DA SILVA FERREIRA, apud *Carta do padre Ambrósio Turricia ao padre Rua, quando de sua viagem de Assunção para o Chile*. Trad. de H. GOMES DE OLIVEIRA, *Missões salesianas...*, pp. 51-75.

³¹ Cf BS 4 (1903) 94-97.

³² Este primeiro encontro poderia ter tido um desfecho trágico, conforme relatou em sua obra o padre Antônio COLBACCHINI, *Wké-Wagúu*. Cuiabá, MSMT/UFMS 1981.

padre Bálzola se aproximou deles sorrindo, abraçou-os ternamente um após o outro. Os índios permaneceram dois dias, ocasião em que o padre Bálzola, que já falava a língua bororo, explicou-lhes o motivo de sua vinda na selva, assegurando-lhes que, na missão, estariam protegidos e que ninguém os molestaria. Explicou-lhes sobre Deus – o divino salvador. Os índios prometeram voltar depois de duas luas (dois meses), com outros índios, para auxiliar na construção das cabanas. Um dos índios era cacique.

Em setembro de 1902, chegaram mais vinte índios, sem seus familiares, para verificar o ambiente e se as informações recebidas eram corretas.

Nessa época, as tensões entre o bispo de Cuiabá e os salesianos agravaram-se. Já existia um antecedente, uma vez que o bispo queixava-se de que os salesianos, em tantas coisas, dependiam de seu superior religioso e não dele. O incidente atingiu o ápice, durante a festa do Divino Espírito Santo, quando o bispo não aceitou o festeiro João Lourenço, o qual teve a aprovação dos salesianos. No dia 31 de maio de 1903, o bispo suspendeu o ministério sacerdotal na diocese de todos os sacerdotes salesianos e o padre Malan restituiu as paróquias e capelinhas atendidas pelos salesianos. A crise foi resolvida com o afastamento do padre Oliveira de Mato Grosso e D'Amour retirou as censuras ao verificar que sem os salesianos não podia atender às necessidades da diocese.

Em 17 de junho de 1903, chegaram cento e quarenta índios na colônia, sendo: quarenta e cinco homens, quarenta e uma mulheres e cinqüenta e duas crianças. Entre eles havia sete caciques e dois bari (feiticeiros). Anualmente, a colônia recebia a visita de mais de sessenta grupos de bororo.³³ Em 1904, chegaram mais de cento e setenta e quatro índios, engrossando as fileiras dos que lá residiam. Os missionários receberam os novos grupos, perfazendo, em fevereiro de 1905, um total de duzentos e dezessete índios, sendo sessenta e sete homens, sessenta e cinco mulheres, quarenta e três meninos e quarenta e duas meninas.³⁴ O bororo passou então a residir na missão, modificando assim sua fronteira geográfica e cultural, que gradativamente foi sendo ocupada pelo homem branco. No começo, a instabilidade numérica dos bororo foi um grande desafio para a catequese salesiana.

3.3 A educação salesiana na Colônia dos Tachos

Como em outras missões da América, nos Tachos, a educação ministrada pelos salesianos e FMA era embasada nos preceitos de Dom Bosco. Compunha-se da moral cristã, do ensino regular, do ensino cívico e do trabalho remunerado.

³³ Ao constatar o trabalho brilhante do padre João Bálzola, o presidente do Estado do Mato Grosso resolveu criar a Diretoria dos Índios, situada entre a zona da Colônia do Sagrado Coração de Jesus – Barreiro, compreendendo o rio das Garças até os limites com o Estado de Goiás, escolhendo como diretor o referido salesiano. Cf BS 8 (1903) 211-214.

³⁴ Cf *Folha avulsa escrita à mão...*, 1904.

Ensinavam pelo exemplo e pela palavra, não só nas aulas, mas também para as famílias indígenas e para os outros moradores da colônia. Conseguiram eliminar, em parte, alguns costumes indígenas: o infanticídio cultural do recém-nascido,³⁵ falta de higiene, ociosidade, o bacururu, entre outros. Os salesianos pregavam, sem cessar, os princípios sãos e civilizadores do cristianismo ocidental, conseguindo pelo amor e pela bondade cristianizar os índios.

Em 10 de junho de 1904, o inspetor padre Malan, acompanhado do irmão Edvaldo Baracco, visitou a colônia, ocasião em que se fez o hasteamento da bandeira nacional, para que o inspetor solenemente batizasse vinte e nove meninos e vinte e seis meninas. Com muito custo, o padre Bálzola conseguiu que os índios enterrassem seus mortos mais afastados da colônia, em um cemitério, e com mais profundidade na terra, mas é evidente que não conseguiu eliminar o ritual dos mortos, o bacururu, cuja cerimônia de morte, funeral, sepultamento e luto podem durar meses.³⁶

Quanto ao ensino regular, as aulas eram elementares, com programa governamental, escolas profissionais, oficinas de carpintaria, sapataria, curtume, pedreiro, além das aulas de canto, ginástica e música instrumental. Na sistematização da ordem, os meninos tinham aulas pela manhã, três aulas³⁷ à tarde, sendo quatro de música e duas de português. Depois vestiam-se decentemente para a aula cívica, com hasteamento da bandeira nacional, hinos pátrios e exaltação aos vultos nacionais. Em agosto de 1908, sessenta e cinco índios freqüentavam a escola, dos quais vinte e seis eram internos. Alguns índios iam para Cuiabá e, num período de quatro anos, saíam habilitados a servirem de mestres aos índios bororo. Foi o caso do índio Tiago, o qual não se adaptou como professor dos índios na missão, voltando, inclusive, para as matas, depois de ter vivido meses na Europa, dominando, inclusive, o francês e o italiano. Em 1908, Tiago era o mais novo componente da banda bororo, auxiliando anos mais tarde na elaboração de artefatos para o Museu Regional Dom Bosco (conhecido como Museu do Índio, em Campo Grande/ MS) e na elaboração da Enciclopédia Bororo. Os missionários, aproveitando os dotes artísticos dos bororo, começaram a organizar uma banda,³⁸ na Missão dos Tachos, regida pelo coadjutor Domingos Montanari e Ân-

³⁵ No infanticídio cultural do recém-nascido, a mulher bororo matava o filho que não oferecia analogia com o sonho da noite precedente ao parto, que fosse um mau presságio, segundo o bari – pajé.

³⁶ Cf Antônio COLBACCHINI, *A tribu dos bororos*. Trad. A. Felício dos Santos. Papeleria Americana, Rio de Janeiro, 1919, pp. 95-111.

³⁷ Havia um rancho destinado ao *oratório*, o qual se dividia em duas partes, tendo no meio um pórtico que servia de dormitório, refeitório e sala de aula/estudo para os índios. Quando haviam atividades, abria-se o pórtico e via-se o altar, aproveitando-se, dessa forma, o rancho para funções variadas.

³⁸ O padre Bálzola comunicou a Dom Rua o sucesso da Banda Bororo, por todos os locais que passou; inclusive cópia dos artigos de jornais que exaltam os pequenos índios e o excelente trabalho de catequese desenvolvido pelos filhos de Dom Bosco. (Cf BS 9 (1908) pp. 915-926).

gelo Sordi. O padre Malan levou a banda ao Rio de Janeiro, em 1908, por ocasião da Exposição comemorativa do centenário da vinda da família real ao Brasil, quando vinte e um índios bororo tocaram o Hino Nacional, *O Guarani*, além de músicas gregorianas, com apresentações no Palácio do Catete e outros locais.

Deixando Cuiabá por via fluvial, os músicos foram dando concertos em Corumbá, Assunção, Buenos Aires, Montevideu, São Paulo, até chegarem no Rio de Janeiro.³⁹ Nesta excursão, ocorreu um triste fato, três índios componentes da banda foram acometidos por sarampo e pneumonia, vindo a falecer: o índio Vital, em São Paulo, Jorge e Miguel, em Lorena, ambos filhos do capitão maior Meriri Otodúia. O padre Malan conseguiu levantar o ânimo dos músicos, os quais, passando o primeiro impacto, retornaram aos instrumentos.

Quanto ao regime de trabalho, os salesianos aboliram quase por completo o sistema de distribuição de brindes adotado transitariamente, pois o brinde para os missionários tornava precária a subsistência dos índios, não os catequizando e sim os estimulando a ociosidade. Por isso, adotaram o sistema de bônus ou vale, em metal ou papel, representativos da conduta moral e esforço físico do índio no cultivo das plantações e nos variados serviços da colônia. Dessa forma, os índios iam valorizando o trabalho. Eles possuíam um hectare de terra própria,⁴⁰ para seu cultivo e conforto doméstico.

Pelo bônus⁴¹ (sistema muito discutido entre os deputados federais), o bororo maior de idade, homem ou mulher, proviam-se de roupas, farinha, carne, rapadura, sal, açúcar, ferramentas, etc, com uma previdência anualmente crescente, abastecendo sua choupana, embora resistisse ao sistema econômico de produção imposto. Entretanto, logo no início da fundação da missão dos Tachos, mais precisamente em 12 de dezembro de 1901, o padre Malan percebeu que sem terras não se poderia realizar um trabalho constante e progressivo de adaptação cultural dos índios e, por isso, de acordo com o despacho da presidência (MT), foram vendidos à Missão Salesiana dois lotes de terra, o Boqueirão e o Barreiro de Cima, com títulos definitivos, lavrados nas folhas 174 e 176 do Livro 7º de Títulos e Domínios – Cuiabá – assinados em 7 de novembro de 1905. Mais tarde, estes lotes foram incorporados na reserva indígena dos bororo.⁴² A idéia de propriedade como resultado do esforço humano foi sendo incorporada na mentalidade do índio de forma lenta e gradativa. Foi na missão salesiana que o bororo adquiriu o uso da propriedade. Antes ele trabalhava para a coletividade e depois de suficientemente instruído nos deveres e nos benefícios do trabalho individual e previdente, que lhe assegurava o futuro da família, recebia como doação defini-

³⁹ Cf Maria DE LIMA BARROS, *No tempo das visitadoras – 1900-1910*. Cuiabá, Inspeção N.S. da Paz 1998, p. 162.

⁴⁰ Este sistema de terra própria não deu certo naquele momento por causa da pobreza do solo, uma vez que os índios tinham necessidade de alternar o local do plantio.

⁴¹ Cf CÂMARA DOS DEPUTADOS, *Anais...*, Rio de Janeiro, pp. 936-939, nov. 1912.

⁴² Cf José MARINONI, *Folha avulsa datilografada*. Campo Grande, MSMT, 1975, pp. 1-5.

tiva um lote de terra em que ele trabalha à sua vontade com o direito de vender os frutos do seu labor. Foi o processo que os salesianos sugeriram às autoridades governamentais, após tantos anos de experiência.⁴³

No final de 1904, a colônia dos Tachos recebeu premiação na Exposição de São Luís (MA), com a medalha de prata na secção de agricultura e de bronze da secção de instrução, demonstrando o alto índice de ensino empreendido pelos missionários salesianos na missão.⁴⁴ Sempre preocupado com o desenvolvimento da colônia, o inspetor inaugurou, em 1906, o observatório meteorológico no Morro de Santa Cruz - Tachos, enviando boletins diários para o Rio de Janeiro e Buenos Aires. O observatório auxiliava e muito o desenvolvimento das atividades, principalmente agrícolas.

Na Missão dos Tachos, a aldeia foi estruturada por vários ranchos de palha arruados em forma de quadrilátero, diferindo da aldeia circular tradicional bororo. Os homens passavam a maior parte do tempo no *baito*, sendo que os solteiros moravam nela. Os anciãos gozavam de grande estima. Juntos formavam uma espécie de *conselho executivo* da aldeia. O bororo só deixava a herança moral, não legava bens patrimoniais que favoreciam classes sociais. Quando morria, seus pertences eram queimados ou colocados na cesta que abriga os ossos do defunto.⁴⁵

Às irmãs FMA, caberia cobrir a nudez indígena, educando as meninas com valores morais e cristãos. Sua superiora havia recomendado que deveriam atender com caridade aos reverendos salesianos, aos quais deviam estima e respeito, em razão de Dom Bosco. Pediu ainda para

«nunca falar mal dos reverendos salesianos. Não criticar suas ações, mas ter para com eles grande respeito: estimá-los, prestar-lhes fraternalmente aqueles serviços que a caridade e o dever requerem. Cooperar com o trabalho deles em benefício e instrução dos pobres índios».⁴⁶

Portanto, as FMA, com abnegação, iniciaram a educação das meninas, ensinando-lhes a costurar, descaroçar o algodão, manejar as rodas de fiar e dos teares, inclusive, às vezes, trabalhando nas roças. As FMA basicamente desenvolveram dois tipos de atividades: colaborar com os salesianos na atividade missionária e nos trabalhos domésticos, alimentação, vestuário e saúde.

⁴³ A Missão Salesiana tentou adquirir propriedade *pro tempore* de terras devolutas para os índios, o que foi solicitado ao Estado de MT, porque reconheceu, por experiência, que só assim poderia salvaguardar das vicissitudes humanas e políticas os seus mais acariciados ideais e sacrifícios na catequese.

⁴⁴ Os certificados de premiação na referida exposição encontram-se atualmente expostos na sala de reunião da MSMT em Campo Grande, MS.

⁴⁵ Cf Mário BORDIGNON, *Roia e baile: mudança cultural bororo*. Campo Grande, UCDB 1994, pp. 39-40.

⁴⁶ Cf R. AZZI, *As filhas...*, p. 327.

Quanto à administração⁴⁷ da colônia ficava a cargo do diretor, padre João Bálzola, mas que em 24 de agosto de 1907, passou para as mãos do padre Antônio Colbacchini, também vindo da Itália. Este salesiano conviveu e estudou muito os costumes bororo, tendo publicado várias obras sobre os índios. Em 1908, foi condecorado pela presidência da República com a Cruz da Ordem do Cruzeiro do Sul, que lhe foi entregue pelo interventor de São Paulo, Ademar de Barros.

O padre Bálzola, a pedido do governo estadual de Mato Grosso, em 06 de julho de 1910, fez um recenseamento das aldeias bororo e assim se expressou:

«[...] em setenta dias andamos 265 léguas, visitamos doze aldeias, contamos 1.143 bororo, excluídos os residentes de nossas colônias [...]».

Pontua-se que ao administrador da colônia caía toda a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso do empreendimento.⁴⁸ O diretor da colônia, além de seguir rigorosamente as determinações do inspetor e regulamentos da congregação, precisava observar as leis indigenistas.

4. A política indigenista

No período colonial, esta política levou a marca da *heterogeneidade* e a questão indígena deixou de ser essencialmente uma questão de mão-de-obra para se tornar uma questão de terras.

Pelo Decreto 246 de 24 de julho de 1845, regulamenta-se as missões de catequese e a civilização dos índios, em que se estabelecia as diretrizes gerais, mais administrativas do que políticas, para o governo dos índios aldeados. O decreto, em essência, tinha por finalidade introduzir o indígena num modo de vida tipicamente europeu, transformando-o em trabalhador braçal e liberando, com isso, os imensos territórios que originalmente eram deles.

Apesar de José Bonifácio ter apresentado um projeto para a Constituição de 1824 intitulado *Apontamentos para a civilização dos índios bravos do Império do Brasil*, o mesmo não foi aprovado.

Couto Magalhães, em 1870, iniciou uma experiência, criando internatos no Vale do Araguaí, para crianças indígenas, destinadas a serem intérpretes lingüísticos e culturais.⁴⁹

⁴⁷ Tanto o Inspetor como o diretor da Colônia dos Tachos enviavam ao Superior Geral, Dom Miguel Rua, cartas relatando tudo o que ocorria na missão, e sempre solicitando mais verbas para a colônia. Essa correspondência está publicada no BS (1898-1914). É por meio de cartas também que Dom Rua orientava os salesianos.

⁴⁸ Cf *Folha avulsa escrita à mão...*, 1910.

⁴⁹ Couto Magalhães propôs um método para amansar os índios cujo objetivo era fazer o selvagem entender o português e que formados praças do exército, poderiam conquistar 2/3 de parte do território nacional e adquirir um milhão de braços aclimados muito úteis, e assegurar as comunicações na bacia do Prata e Amazonas, evitando efusões de sangue e grandes despesas, a exemplo de outros países americanos.

No início da República, os conceitos de catequese e civilização continuaram orientando o trabalho de incorporação do índio à sociedade dominante, e a mediação entre o Estado e os grupos indígenas permaneceu com a Igreja Católica, até a criação do Serviço de Proteção aos Índios – SPI.

Entre 1908 e 1910, surgiu um debate público de amplas proporções sobre o extermínio ou não dos índios brasileiros. Na realidade, a questão do extermínio dos índios do Brasil foi denunciada no XXVI Congresso de Americanistas, realizado em Viena, em setembro de 1908, com apresentação por Johan Natterer de uma coleção de 2.500 peças, sendo parte etnográfica proveniente de oitenta tribos de índios brasileiros, num trabalho exaustivo de dezoito anos de pesquisa.⁵⁰ O delegado do Pará, Ignácio Batista de Moura, afirmou no evento que:

«quanto aos índios, havia poucos dignos de estudo e compaixão, e arriscava dizer que nos próximos 50 anos esse povo iria desaparecer sem deixar vestígios».⁵¹

Albert Fric, também participante do congresso, denunciou o extermínio dos índios brasileiros e ganhou a atenção da imprensa carioca e paulista.

Foi neste contexto que o salesiano precisou lutar para poder conservar o índio vivo, integrando-o na sociedade como um cidadão cristão e cômico de seus direitos e deveres na comunidade em que vivia.

Os missionários trabalharam no meio do sertão, com privações e sacrifícios, debastando as matas virgens, plantando para a sobrevivência dos índios, esforçando-se para que esses filhos da selva se desgarrassem definitivamente de costumes primitivos, permitindo que, nas regiões das aldeias salesianas, qualquer cidadão pudesse cruzar os sertões sem o menor receio. Pode-se inferir que o missionário foi como um semeador do campo, que escolhe a semente, a terra e o tempo. Ele procurou salvar a maloca do paganismo pela catequese, libertar o selvagem da ignorância pela educação, redimir a improdutividade dos selvícolas pelo trabalho,⁵² foi exatamente o que os missionários salesianos implantaram nos Tachos.

O debate quanto ao extermínio dos índios atingiu seu ponto máximo, quando o diretor do Museu Paulista, Herman Von Ihering, publicou um artigo⁵³ indicando o meio que achava para solucionar o impasse criado pela resistência obstinada dos índios Kaingangs, diante das pressões da sociedade brasileira, afirmando:

«os atuais índios do Estado de São Paulo não representam um elemento de trabalho e de progresso. Como também nos outros Estados do Brasil, não se pode esperar trabalho sério e continuado dos índios civilizados e como os caingangs são um empecilho para a colonização das regiões do sertão que habitam, parece que não há outro meio de que se possa lançar mão senão o seu *extermínio*».⁵⁴

⁵⁰ Manuela DE OLIVEIRA LIMA, *O Congresso dos Americanistas em Viena*, in «O Estado de São Paulo». São Paulo, 12/10/1908, p. 1, col. 2-3.

⁵¹ Discurso in «Jornal do Comércio», Rio de Janeiro, 26/10/1908, p. 3, col. 3-4.

⁵² Paulo SUESS, *Cálice e Cuia*. Petrópolis, Vozes 1985, p. 31.

⁵³ Herman von IHERING, «Antropologia» VII (1907), p. 215.

⁵⁴ O grifo é nosso.

Apoiando esta posição, Caio Prado Júnior⁵⁵ assinalou:

«mais uma vez repetiu-se o processo que se deu sempre e em toda parte quando entram em contato raças de desenvolvimento cultural muito diverso: a raça menos desenvolvida é dominada e *desaparece*».⁵⁶

Neste ambiente de polêmicas, discussões e debates, a Banda dos índios bororo se apresentou (como já foi mencionado), em várias cidades brasileiras, e participou de apresentações em São Paulo e no Rio de Janeiro, por ocasião da Exposição do centenário da vinda da família real ao Brasil. O fato é que tal apresentação criou um impacto na sociedade brasileira da época, porque, se os índios podiam tocar tão bem músicas clássicas e outras, jamais poderiam ser exterminados. Criou-se, então, duas correntes: uma pró-extermínio dos índios e outra contra. A primeira defendia o extermínio dos índios em favor do progresso, das ferrovias, das linhas telegráficas e do assentamento dos imigrantes europeus. A segunda defendia a proteção dos índios e sua integração na sociedade através da catequese leiga ou cristã. Esta última saiu vencedora, uma vez que se constatou que através da catequese dos salesianos os índios poderiam ser integrados à sociedade brasileira. Fruto desse debate foi a criação, em 1910, do Serviço de Proteção aos Índios e Localização dos Trabalhadores Nacionais – SPILTN, que o ministro da Agricultura, Indústria e Comércio, Rodolfo de Miranda, acabou nomeando para ocupar o cargo de Diretor Geral Cândido Mariano Rondon. O decreto nº 8.072 de 20/06/1910 destacou do órgão recém-criado dois objetivos básicos: primeiro, prestar assistência aos índios do Brasil que viviam aldeados, reunidos em tribo, em estado nômade ou promiscuamente com civilizados; segundo, estabelecer centros agrícolas constituídos por trabalhadores nacionais. A intenção era criar um aparelho de poder para catequese dos índios e reabilitação do trabalhador nacional, propondo a repartição da população indígena, área de extensão dos diferentes grupos étnicos e lingüísticos, a organização territorial dos aparelhos ideológicos do Estado, mas também a diversidade ideológica dos grandes conjuntos culturais.⁵⁷ Com apenas um ano de existência, o SPILTN passava por difícil prova: lutar contra sua extinção.

Os deputados federais, em suas discussões sobre o projeto orçamentário da União – Lei nº 307/1911, pontuavam que a saída dos militares do SPILTN colocaria patamares financeiros muito elevados e que ficaria mais barato a implementação de subsídios à catequese católica, do que substituir a mão-de-obra burocrática de militares por civis.⁵⁸

Em novembro de 1912, o diretor geral do SPILTN, Cândido Mariano

⁵⁵ Michel BERCMAN, *Nasce um povo*. Petrópolis, Vozes 1977, p. 162.

⁵⁶ O grifo é nosso.

⁵⁷ Yves LACOSTE, *Géographie et géographie*. Petrópolis, Vozes 1986, p. 291.

⁵⁸ Manuela Carneiro da CUNHA - et alii, *História dos índios no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras 1992, p. 162.

Rondon, começou a fazer algumas críticas ao método catequético dos salesianos, num ofício enviado ao Ministro da Agricultura, cuja cópia saiu publicada em diversos jornais⁵⁹ do Rio de Janeiro. O documento apontava irregularidades na assistência que a missão salesiana dispensava aos índios de MT, em uma visita que ele fez com o inspetor padre Malan às missões. Na Câmara dos Deputados, surgiram debates contra e a favor dos salesianos, inclusive com denúncias sobre verbas gastas por Rondon, feitas pelo deputado Lacerda de Almeida. A atitude de Rondon pareceu estranha, pois, em todas as visitas que fez na Colônia Sagrado Coração de Jesus – Tachos, sempre deixou registrado com o próprio punho no livro de Impressões dos Visitantes das colônias palavras de incentivo, agradecimentos e louvor aos trabalhos realizados pelos missionários.

Para responder às críticas de Rondon, os salesianos publicaram, em 1912, a obra *Missões Salesianas em Mato Grosso*, sem autor, a qual apresentava todos os documentos de todas as autoridades que visitaram as colônias e suas respectivas impressões sobre as mesmas. Rondon, ao visitar a missão dos Tachos, em 8 de julho de 1911, deixou escrito:

«[...] é com especial prazer que menciono os efeitos morais obtidos pela terna ação das dedicadas FMA no meio feminino da colônia, ensinando às jovens índias os trabalhos domésticos [...] Oxalá todas as tribos indígenas de MT pudessem ficar sob a proteção da benemérita catequese salesiana [...]».⁶⁰

A educação dada pelos salesianos era imbuída, na época, de todo o positivismo, pois acreditavam na necessidade de implantar no Brasil o modelo europeu de educação, objetivando integrar o índio bororo na sociedade capitalista, com o espírito festivo tão apregoadado por Dom Bosco. De certa forma, essa postura gerou encontros e confrontos entre os missionários, índios e a sociedade brasileira, e o bororo foi perdendo sua identidade cultural a medida em que foi aceitando o novo modelo e se tornou um povo dependente do missionário.

5. Encontros e confrontos para a sobrevivência dos bororo

Os missionários, segundo a mentalidade da época, transportaram para a Missão dos Tachos o modelo de Dom Bosco, experienciado em Turim. Influenciados pela mentalidade positivista, acreditavam que os bororo estavam em um estágio atrasado, necessitando, para isso, empreender um grande esforço civilizatório,⁶¹ catequizando e evangelizando o que significava tirar os índios do mundo das superstições, magias, xamanismo, mitos, ritos, etc.

⁵⁹ «Jornal do Comércio», 5 de novembro de 1912, p. 4, col. 1-2.

⁶⁰ Cf *Missões Salesianas em Mato Grosso*. Rio de Janeiro, Typographia d'A União 1912, pp. 46-61.

⁶¹ Cf Antônio Hilário AGUILERA, *Mano: currículo e cultura na escola indígena bororo*. Cuiabá 1999.

O bororo aceitou a submissão aos salesianos, principalmente pela superioridade bélica dos brancos e dos ataques constantes dos xavante. Surgiu então, uma aliança entre ambos. Na Colônia do Sagrado Coração de Jesus, estavam salvos. Ao se colocarem na defesa dos bororo, os salesianos acabaram por minar as suas iniciativas de independência e por colocá-los numa total dependência.

A catequese, em sua fase inicial, baseava-se no seguinte regime: os bororo deviam trabalhar nas plantações; a distribuição de vales e bens se fazia apenas para aqueles que tivessem exercido a atividade para a qual foram designados pelos padres; os jovens eram educados sistematicamente no regime de internato; não havia distribuição da pinga; a homogeneização entre homens e mulheres bororo, na medida em que ambos representavam a mão-de-obra paga pela missão; a total impossibilidade de relações sexuais entre os tutores e os bororo.⁶²

A disputa entre os salesianos e os xamãs da tribo perdurou anos a fio até que os bororo aceitaram os padres desde que ficassem também com o bari (xamã). O missionário também mexeu na reorganização espacial da aldeia, embora conservasse, em parte, a forma tradicional.

A aldeia indígena foi reorganizada espacialmente pelo missionário, quanto à construção das casas arruadas, o que alterou o ritual, uma vez que, no meio da selva a forma de construção das grandes malocas representava para o índio um enorme esforço, só praticável por grupos que poderiam conservar o seu sistema de trabalho coletivo e que só teria sentido enquanto durasse o sistema social tribal. O padre Antônio Colbacchini, diretor da Missão dos Tachos a partir de 1907, promoveu a destruição (1914) do baito, uma das principais instituições da sociedade bororo, que congregava o conselho dos homens e, como já foi mencionado, era o lugar onde se realizavam os ritos mais importantes da sociedade bororo. No lugar, ergueu-se uma cruz e, para o missionário, a destruição da casa central (o baito) foi o triunfo de Cristo sobre o demônio; quando as 20 famílias que eram consideradas pagãs foram batizadas e incorporadas à Igreja Católica. Mas, o que era a salvação, na ótica dos salesianos, pouco representava para os índios. Como os padres proibiram o funeral bororo, os índios arquitetaram estratégias para realizar os ritos funerais a todo custo. O ciclo funerário é também um importante momento de transmissão de conhecimentos, quando os velhos ensinam aos mais novos, possibilitando a socialização dos jovens nas práticas e valores específicos desta sociedade. A morte de um indivíduo implicava na perda de um membro da sociedade dos vivos, que devia reorganizar-se. Um indivíduo determinado era escolhido para lembrar e representar aquele que morreu. O corpo do morto desaparecia, também a casa em que ele morava seria destruída, por ocasião da sua morte. Entretanto, a identidade social do morto não se perdia, pois era recuperada pelo seu representante: no espaço em que se encontrava a sua casa,

⁶² Renate Brigitte VIERTLER, *Arol J'Aro*. Vol. II. São Paulo 1982 (Tese Doutorado em Ciências Sociais) - USP, p. 387.

nova habitação seria construída. É assim que os bororo efetuavam a transição daqueles que deixavam a sociedade dos vivos, para entrarem na sociedade dos mortos. No funeral, a sociedade bororo se reunia, formando uma unidade distinta e diferenciada, reafirmando-se enquanto coletividade. Indivíduos de diferentes aldeias bororo deslocavam-se para a aldeia onde se realizava o funeral. Ali se encontravam os vivos e os mortos, que tinham parentes vivos, que eram por eles lembrados. Os bororo faziam do funeral um momento de união da sua sociedade, de socialização dos seus jovens e de renovação dos seus valores e práticas. É o próprio paradoxo de uma sociedade que precisa da morte de seus membros, para poder continuar existindo enquanto um grupo coeso e diferenciado.⁶³

Muitas vezes, destruir imagens do outro significa destruir o outro; pois os missionários pensavam na religião com exclusividade, tornando-a repressiva, esquecendo-se de preservar os aspectos culturais⁶⁴ da tribo indígena. Quando um mito é destruído, a tribo toda sofre, uma vez que ele, para o índio, conserva a vida e esta o protege. O mito é como um catalizador da vida da tribo. É a chave que o índio tem para ler e interpretar tudo o que existe e acontece na sua vida e na sua história. No mito, encontram-se a tradição da tribo, suas normas, leis, passado, presente e futuro.⁶⁵ Quanto ao domínio econômico criado pelo sistema de vales, possibilitou ao índio uma organização do trabalho com uma estrutura capitalista, sempre determinada pelos chefes da aldeia. Ora, os bororo se dedicavam às suas atividades de subsistência sempre de forma grupal, através de um esforço coletivo, quando há uma associação de um contexto ritual (pesca, caça, etc.), o que não acontecia na missão.

A adesão do bororo ao novo sistema econômico da missão provocou uma desintegração de suas antigas instituições sociais fundamentadas no parentesco e nas formas de cooperação, que foram abandonadas para dar luz às novas famílias nucleares isoladas. Houve um rompimento do sistema econômico e social do índio, em que o grupo perdeu seu poder de polarizar os membros e controlar suas atividades. Surgiram tensões entre as gerações e entre os sexos, principalmente com a queda dos princípios que regulavam suas relações.

Quanto ao tipo de educação que o salesiano escolheu para os bororo, através do regime de internato (tão criticado na época), visava oferecer às crianças um novo conjunto de valores, substituindo os valores paternos, com quem o contato deveria ser evitado. Foi através destes métodos que os bororo deixaram a vida nômade e selvagem que tanto temor causava à população do estado de MT,⁶⁶ embora muitos bororo às vezes acabavam indo novamente se estabelecer em aldeias distantes da missão.

⁶³ Cf M. BORDIGNON, *Róia...*, pp. 43-44.

⁶⁴ A cultura designa a diferença específica de cada grupo social e povo. É o lugar onde cada grupo social constrói coletivamente, na resistência permanente contra a morte, isto é, sua vida.

⁶⁵ Cf Carlos MEESTER - Paulo SUESS, *Utopia cativa*. Petrópolis, Vozes 1986, pp. 12-16.

⁶⁶ Sylvia Caiuby NOVAES, *Jogo de espelhos*. São Paulo, Edusp 1993, p. 183.

O modelo de educação salesiana na missão dos Tachos pôde ser vista nos vários aspectos que perpassavam a relação entre os bororo e os missionários, com a incorporação gradativa dos aspectos que os bororo consideravam estratégicos e que vinham se somar às suas práticas cotidianas.

Não se pode negar que o conhecimento da língua, dos valores culturais dos dois lados caminharam juntos, no sentido de salvar o bororo do extermínio, como demonstraram, por exemplo, as ações dos padres José Pessina, Antônio Colbacchini e dos índios Miguel e Tiago. O padre Pessina lançou-se aos estudos da língua bororo, anotando, dia-a-dia, em contato direto com os índios, os sons, as palavras, o significado, e codificando depois, na ordem lógica, o material recolhido. O índio Miguel Magone, filho do capitão Meriri-Otodúia, que foi à Europa com o padre Malan, tornou-se o mestre do padre Pessina na arte de ensinar a língua bororo. Fruto de vários anos de pesquisa deste padre foi a obra publicada em 1908, pelas Escolas Profissionais Salesianas de Cuiabá, com o título: *Elementos de gramática e dicionário da língua dos bororo – coroados de Matto Grosso*, sendo 47 páginas de gramática e 15 de dicionário.⁶⁷ Quanto ao padre Colbacchini, foi diretor da Missão dos Tachos por muitos anos, podendo ser considerado como explorador, etnólogo e profundo conhecedor da cultura bororo. Após um longo período de contato diário com os índios, publicou as seguintes obras: *O mistério da floresta*, *À luz do Cruzeiro do Sul*, *A cruz da selva* e *Os bororo ocidentais* – escrita em parceria com o padre César Albisetti. Esta obra contém etnografia, lendas, gramática, cantos religiosos e foi premiada.

Quanto ao índio Tiago Marques Aipobureu ou Akirío Boróro Kejewu, chegou na Colônia dos Tachos ainda menino, refugiado com seus pais. Distinguiu-se logo dentre os outros e, imediatamente, foi incluído entre os componentes da banda, inclusive se apresentando no Rio de Janeiro. Auxiliou muito o padre Albisetti, não só na elaboração do dicionário bororo, como também na elaboração da coleção de objetos originais dos índios bororo, para compor o acervo indígena do Museu Dom Bosco.

Este índio casou-se com uma índia bororo e foi viver nas matas. A história de Tiago Marques passou a ser conhecida por estudiosos de antropologia, sociologia, história e pedagogia, quando foi apresentada por Florestan Fernandes, no Seminário sobre os índios do Brasil do Dr. Herbert Baldus. O texto, apresentado em 1945, enfatizou Tiago como um bororo marginal, situando-o na divisa de duas etnias, ficando à margem das duas, sem pertencer a nenhuma delas e rejeitado por ambas. Mas esta invulgar figura bororo foi levemente criticada, transformando sua trajetória de vida como se fosse uma vida de conflitos sem solução

⁶⁷ A obra não revela o autor, mas os originais de seu próprio punho e outros escritos sobre a língua bororo encontram-se no Museu Dom Bosco, recelados como manuscritos do padre José Pessina. O atual diretor do Centro de Documentação Indígena da MSMT – Georg Lachnitt afirmou que os salesianos eram proibidos de colocar seus nomes em publicações, para evitar disseminar entre eles o orgulho.

e desespero. Os estudiosos esqueceram-se de acompanhar a vivência de Tiago junto aos seus, uma vez que faleceu somente em 1958, quando então foi considerado, pelos bororo de Meruri, o maior conhecedor da cultura e uma autoridade em assuntos bororo.⁶⁸

Percebe-se que houve uma aculturação tanto do índio como do missionário.

Conclusão

A linha de trabalho na Missão dos Tachos, sempre foi dada pelos missionários. As irmãs se limitavam a executar as tarefas que lhe cabiam no processo. O bororo mostrou uma resistência cultural com relação aos ritos, vivência familiar, e outros costumes como demonstram alguns índios com mais de 80 anos de idade, Antônio Colbacchini, Manezinho e outros, residentes hoje em Meruri, os quais continuam a ser mestres de rituais bororo. A troca de mentalidade de missionários e FMA mudou o estilo de relacionamento entre os bororo; uma vez que as irmãs passaram a ser colaboradoras e co-responsáveis na ação pastoral com o povo bororo, não só por cuidar dos afazeres domésticos, como no período inicial da missão. Durante anos os salesianos procuraram introduzir novos hábitos, novos costumes, considerados mais nobres e civilizados e que poderiam substituir padrões de conduta vistos como imorais e primitivos, mas também os salesianos passaram a incorporar a nova orientação da Igreja Católica. Surgiu um compromisso do salesiano com a promoção humana e a evangelização, visando à saúde do índio, sua auto-suficiência, sua alfabetização e uma nova liturgia indigenizada. Descortinou-se, assim, uma nova concepção de cultura para os salesianos e FMA, que implica num estudo sistemático dos costumes e ritos dos índios. Percebe-se a resistência cultural dos bororo em vários aspectos: costumes, mitos, ritos, lendas, os xamãs, etc. Constata-se que, embora o índio não fabricasse mais todos os objetos da antiga cultura material, era de admirar como, depois de vários anos de contato com os padres, conservam ainda o grande cuidado e as habilidades de outrora, em manufaturar redes de pescar, trançados, arcos, flechas e enfeites. Na presença dos salesianos, vestem-se à moda européia, mas os homens por muito tempo usaram, ainda por baixo da calça, o estojo peniano.⁶⁹ Essa resistência cultural bororo, os documentos da Igreja, do Concílio Vaticano II⁷⁰ e a criação do Conselho Indigenista Missionário levaram os salesianos, décadas mais

⁶⁸ C. ALBISETTI - Â. J. VENTURELLI, *Enciclopédia...*, pp. 15-17.

⁶⁹ Darcy RIBEIRO, *Os índios e a civilização*. Petrópolis, Vozes 1977, p. 391.

⁷⁰ Os documentos da Igreja – *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo, Paulus 1977, p. 125, registram «[...] e consegue que tudo o que há de bom no coração e na mente dos homens, ou nos ritos e nas culturas próprias de cada povo, não só não pereça, mas se purifique, se eleve e aperfeiçoe, para a glória de Deus, confusão do demônio e felicidade do homem. Cada discípulo de Cristo participa na responsabilidade de propagar a fé [...]».

tarde, a mudar a evangelização para caminhos mais próximos dos valores culturais indígenas. O Concílio Vaticano II desencadeou nas missões indígenas, em que os salesianos realizam a catequese, um processo longo e sofrido, renovando a prática missionária. Contestando a afirmação de Darcy Ribeiro de que «as missões salesianas desapareceram»,⁷¹ assinalamos com veemência que elas permanecem altaneiras, com dificuldades sim, mas o embrião deu frutos cuja seiva salesiana nutriu, vivificou, desenvolveu e conservou os bororo, salvando-os do *extermínio*.

A Colônia dos Tachos, em 1923 foi transferida para um lugar com maior abundância de água, recebendo o nome de Meruri, onde floresce até hoje.

Os salesianos, então, compreenderam que ninguém pode entender o problema do índio, sem primeiro compreender o índio.

* * *

Bibliografia

- AGUILERA Antônio Hilário. *Mano: currículo e cultura na escola indígena bororo*. Cuiabá 1999.
- ALBISETTI César - VENTURELLI Ângelo Jayme, *Enciclopédia Bororo*. Vol. 1. São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas 1962.
- ARQUIVO INSPETORIAL DA MSMT, Pasta - *Missão Teresa Cristina*. Envelopes 1-5 (Folhas avulsas).
 –. Pasta - *Missão dos Tachos*, envelopes 1-9 (Folhas avulsas).
 –. Pasta - *Missão dos Tachos* (Fotos - 1899-1912).
- AZZI Riolando, *A obra de Dom Bosco no Brasil*. Vol. 1. São Paulo, Salesiana Dom Bosco 1999 (Prelo).
 –. *As filhas de Maria Auxiliadora no Brasil: cem anos de história*. Vol. 1. São Paulo, Inspetoras do Instituto das FMA 1999, p. 241.
- BARROS Maria de Lima, *No tempo das visitadoras - 1900-1910*. Cuiabá, Inspetoria N.S. da Paz 1998.
- BERCMAN Michel, *Nasce um povo*. Petrópolis, Vozes 1977.
- BOLETIM SALESIANO, *Oratório de São Francisco de Sales*. Turim/Itália (1902-1914).
- BORDIGNON Mário, *Os bororo na história do centro-oeste brasileiro 1716-1986*. Campo Grande, MSMT 1987.
 –. *Róia e baile: mudança cultural bororo*. Campo Grande, UCDB 1994.
- BOSCO Terésio, *Dom Bosco: uma biografia nova*. São Paulo, Salesiana Dom Bosco 1983.
- CALDAS João Augusto, *Memória histórica sobre os indígenas da província de Mato Grosso*. Rio de Janeiro, Typografia Polytechnica de Moraes e Filhos 1887.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS, *Anais...*, Rio de Janeiro, pp. 936-939, nov. 1912.
- COLBACCHINI Antônio, *A tribu dos bororos*. Trad. A. Felício dos Santos. Papelaria Americana, Rio de Janeiro, 1919.

⁷¹ D. RIBEIRO, *Os índios...*, p. 132.

- CUNHA Manuela Carneiro da, et alii, *História dos índios no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras 1992.
- FÁVARO Gino - CORAZZA José, *Lasagna – o bispo missionário*. Campo Grande, MSMT 1995.
- FERREIRA Antonio da Silva, *Cronistoria o diario di Monsignor Luigi Lasagna 3-1893 - 11-1895*. (Piccola Biblioteca dell'ISS 10). Roma, LAS 1988.
- . *La missione fra gli indigeni del Mato Grosso. Lettere di don Michele Rua 1892-1909*. (= Piccola Biblioteca dell'ISS, 14). Roma, LAS 1993.
- GOMES DE OLIVEIRA Helvécio, *Missões salesianas*. S.l., s.e. 1908.
- JORNAL DO COMÉRCIO, 5 de novembro de 1912, p. 4, col. 1-2.
- JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 26/10/1908, p. 3, col. 3-4.
- LACOSTE Yves, *Géographie et géographie*. Petrópolis, Vozes 1986.
- LANNA Francisco X., *A vida de Dom Luiz Lasagna*. Vol. 1. Niterói, Escola Industrial Dom Bosco 1944.
- LASAGNA Luiz, *Carta circular em favor da missão de Mato Grosso*. São Paulo, Oficinas Salesianas 1985.
- . *Epistolario*. 3 Voll. *Introduzione, note e testo critico* a cura di Antonio Ferreira da Silva (ISS, fonti, serie seconda, 5, 6, 7). Roma, LAS 1995, 1997, 1999.
- LIMA Manuela de Oliveira, *O congresso dos Americanistas em Viena*, in «O Estado de São Paulo». São Paulo, 12/10/1908, p. 1, col. 2-3.
- MEESTER Carlos - SUESS Paulo, *Utopia cativa*. Petrópolis, Vozes 1986.
- Missões Salesianas em Mato Grosso*. Rio de Janeiro, Typographia d'A União 1912.
- NOVAES Sylvia Caiuby, *Jogo de espelhos*. São Paulo, Edusp 1993.
- . *Mulheres, homens e heróis - dinâmica e permanência através do cotidiano da vida bororo*, in «Antropologia» 8 (1986) 29-30.
- RIBEIRO Darcy, *Os índios e a civilização*. Petrópolis, Vozes 1977.
- SCARAMUSSA Tarcísio, *O Sistema Preventivo de Dom Bosco: um estilo de educação*. São Paulo, Dom Bosco 1979.
- STEINEN Karl Von den, *Os bororo in* «Revista do Instituto Histórico e Geográfico» 78 (1888). Tradução de Basílio Magalhães.
- SUESS Paulo, *Cálice e Cuia*. Petrópolis, Vozes 1985.
- VIERTLER Renate Brigitte, *Arol J'Aro*. Vol. II. São Paulo 1982 (Tese Doutorado em Ciências Sociais) – USP.